



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 25ª Festa da Uva 2004**

Parque de Exposições – Caxias do Sul-RS, 20 de fevereiro de 2004

Meu caro companheiro governador do estado do Rio Grande do Sul,
Germano Rigotto, e sua senhora, nossa querida Cláudia Rigotto,

Meu caro companheiro Pepe Vargas e sua esposa, Ana Vargas,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Ovídio Deitos, presidente da Comissão Comunitária da 25ª
Festa da Uva,

Meu caro companheiro embaixador da Argentina, que veio aqui para
olhar a qualidade de nosso vinho – espero que compre um pouco, depois de
provar vinho brasileiro,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu caro ministro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades, e sua
companheira Judite,

Deputados Beto Albuquerque, Paulo Pimenta, Érico Ribeiro, José Igor
Sartori e Adão Preto,

Deputados federais, deputados estaduais,

Prefeitos, prefeitas,

Deputadas e deputados,

Meus amigos e minhas amigas,

Princesas e rainha – eu nunca estive num lugar que tivesse tanta



princesa e tanta rainha juntas.

Quando a gente prepara um discurso para um evento como este, é preciso combinar com os que falam antes de nós, para que não falemos as mesmas coisas. Portanto, o que está escrito aqui não vale, porque já foi dito. Eu vou ter que falar um pouco, agora, com o meu sentimento.

A história da imigração alemã, em 1850, a história da imigração italiana, em 1875, para esta região do Brasil, é a demonstração de que a fome que estamos tentando enfrentar, hoje, no nosso país, não é uma coisa nova no planeta Terra.

Há 200 anos, hoje no chamado “Continente rico”, que é a Europa, formada por alemães, italianos e outros, como os poloneses, vieram para o Brasil fugindo da miséria, procurando a terra prometida, como Moisés já tinha procurado, há tantos e tantos anos.

Significa dizer que o problema da pobreza da Humanidade não é nova. É uma coisa muito antiga. E é uma coisa que persiste, sistematicamente, porque hoje, nesse mundo globalizado e desenvolvido que nós vivemos, ainda morrem 11 crianças por minuto em função da desnutrição no planeta Terra.

Mas, se, por um lado, a vinda de vocês para cá significou que tinha pobreza há 200 anos, é verdade, também, que vocês deram uma outra demonstração: de que é possível vencer a situação mais adversa que for, se houver coragem, disposição de ir à luta, ao invés de ficar apenas lamentando aquilo que nós não conquistamos.

E, hoje, quem vem a este estado, e quem vem a esta cidade, a esta região da serra e a outras regiões do Rio Grande do Sul, percebe que este povo não apenas venceu, do ponto de vista da sua sobrevivência econômica, a gente percebe que este povo venceu do ponto de vista cultural. A gente percebe que a mistura de raças acontecida neste Estado produziu um povo



extraordinariamente bonito. E muito mais do que isso, extraordinariamente trabalhador e criativo.

Eu digo sempre para os meus companheiros gaúchos: seria bom que cada político gaúcho peregrinasse um pouco pelo Brasil para que eles sentissem as diferenças dos Brasis, que muitos de nós não conhecemos e, por isso, muitas vezes, governamos apenas para o Brasil de Brasília ou apenas para o Brasil dos grandes centros urbanos, sem levar em conta o Brasil de milhões e milhões de pessoas que não estão organizadas em partidos políticos, nem sindicatos, que, muitas vezes, não estão organizados nem para lutar pela sua própria sobrevivência.

Essa 25ª Festa da Uva poderia simbolizar mais do que pão e vinho, esta festa poderia simbolizar a vitória de um povo frente às adversidades que vocês enfrentaram há tantos anos. Eu fico imaginando quantos morreram de malária. Eu fico imaginando quantos tentaram desistir e não tinham nem como desistir, porque não tinham como voltar.

E é importante que a nossa juventude saiba o que aconteceu, alguns anos atrás, para se dar conta de que as coisas não podem ser conquistadas com a facilidade que muitas vezes nós queremos conquistar hoje. A riqueza só tem sentido de ser se ela for resultado do trabalho, do aumento da produção e da geração de outras riquezas para outras pessoas. Porque ninguém neste país fica feliz sabendo que pode ser rico, cercado por miseráveis por todos os lados. Essa Feira demonstra que o Brasil pode, deve e vai ser diferente daqui a alguns anos. Agora, para que isto aconteça é preciso plantar sementes boas, é preciso cuidar da terra com carinho e acreditar que teremos condições de mudar o Brasil.

Eu, particularmente, trabalho com a convicção de que o Brasil tem um problema de auto-estima, que vai do governante ao mais humilde dos brasileiros, que não acredita em si mesmo, que sempre acha que os outros produzem melhor, quando na verdade é uma questão de auto-estima nós



acreditarmos que temos condições de competir com qualquer segmento, em qualquer parte do mundo, na maioria dos produtos que nós produzimos. E vocês sabem, e aprenderam rapidamente, que produzir vinho exige investimento em tecnologia, exige investimento de conhecimento, porque somente assim vocês poderão ter o privilégio de, viajando pelo mundo, ver em vários países as pessoas brindando com um copo de vinho ou uma taça de vinho produzido na Serra Gaúcha ou outro lugar do território nacional.

E eu sei que falta muito pouco para a gente chegar lá. Eu sei que falta profissionalismo e falta, sobretudo, o governo assumir a responsabilidade de que nós temos de ajudar a nossa indústria do vinho a crescer, para que ao invés de importar a gente exporte o vinho para outros países. Aliás, eu vou mais longe, governador. No Brasil não tem muitas Feiras como esta todo ano, não. E olhe que eu acho que poucos Presidentes, na História do Brasil, têm participado de Feiras como eu participei o ano passado. Uma Feira como esta deveria ser obrigatória, estar na agenda de qualquer presidente da República a partir do dia em que ele tomasse posse, porque não é qualquer lugar do Brasil que produz um evento dessa magnitude. É só andar um pouco pela Feira para a gente ver a grandiosidade deste evento, o potencial de negócios deste evento. Portanto, deve ser compromisso, não apenas do Presidente, do Governador, do Prefeito da cidade, mas seria muito importante que outros Governadores viessem ver o que é isto aqui, para que saíssem daqui mais otimistas com relação ao nosso País.

Eu aprendi uma coisa em um ano de presidente da República, Rigotto. Eu aprendi uma coisa que acho que vale para todos nós: nenhum interlocutor, na face da Terra, respeita um interlocutor que negocia de cabeça baixa. Na relação humana de vocês, vocês sentem mais desprezo por alguém que haja de forma subalterna, do que por alguém que haja com altivez na defesa de seus interesses. E eu me convenci de que o Brasil tem um papel a jogar no mundo e que não depende de licença de ninguém, depende apenas da nossa



vontade e disposição política. Por isso, não medi nenhum esforço para trazer um companheiro como o Furlan, que eu mal conhecia, para ser ministro da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior.

Por isso fui buscar não um companheiro do meu partido, mas um companheiro da qualidade do Roberto Rodrigues para ser ministro da Agricultura. E por isso eu fui buscar um companheiro da qualidade do Miguel Rossetto para cuidar da questão da agricultura familiar, porque no Brasil sempre se jogou a agricultura familiar contra a chamada agricultura empresarial. Eu acho que o Brasil é tão grande e tão importante que uma complementa a outra, e não atrapalha, como se tentou vender durante muitos e muitos anos.

E nós sabemos que a grande maioria dos produtores de vinho deste estado são pequenos proprietários de 20 hectares, de 15 hectares, de 30 hectares, quem sabe, o grande talvez tenha 50 hectares ou um pouco mais que isso.

E nós temos que dar a vocês a oportunidade de ter acesso ao crédito que, muitas vezes, é anunciado na televisão e sai depois que não se precisa mais do crédito. Nós anunciamos, em junho do ano passado, 5 bilhões e 400 milhões do Pronaf, para a agricultura familiar e, em sete meses, nós já liberamos, praticamente, um bilhão a mais do que todo o dinheiro liberado no ano de 2002. E ainda temos mais quase dois bilhões para liberar. E eu espero que, até julho, todos que precisarem de dinheiro se dirijam ao Banco do Brasil, para poder retirar o seu crédito do Pronaf.

Porque é isso que vai garantir que o Rossetto tenha forças para exigir que, quando formos fazer novo plano para a safra, a gente coloque mais dinheiro do que os 5 bilhões e 400. Senão, alguém vai dizer: “Bom, se não gastaram, não precisa tanto, vamos diminuir”. E o mesmo vale para a agricultura.

Eu só quero dizer aqui, governador, ministros e companheiros e



companheiras que estão nesta feira: estejam certos, não faltará dinheiro para a agricultura brasileira, no ano de 2004; e, muito menos, faltará dinheiro para o pequeno e médio produtor rural brasileiro. Estejam certos disso.

Eu estou, aqui, com as reivindicações de vocês. Normalmente, num evento como este, a gente só fala de coisas boas. Mas eu estou aqui com um papelzinho que diz – o Olívio já falou comigo, o Rigotto já falou comigo, o Tarso já falou, o Rossetto também já falou: não sei porque vocês colocaram muita gente lá em Brasília. Mas a verdade é que eu sei que vocês estão preocupados com a equalização do IPI. A verdade é que eu sei que vocês estão querendo discutir isso conosco. O ministro Roberto Rodrigues está sensível e, por isso, já propôs criar uma Câmara Setorial, para que a gente possa resolver esse problema.

O Tarso Genro já fez, aqui, um seminário sobre concertação, para nós tentarmos, junto com os setores, enfrentar esse problema. Porque eu quero que ao voltar aqui, para participar da 26ª Festa do Vinho, vocês não tenham nenhuma reivindicação para me fazer desse porte. Que tenham outras novas.

Vocês podem ter certeza de uma coisa: a noção maior de que a produção de vinho brasileiro vai crescer. E a forma que a gente pode demonstrar isso, com muito mais força, é que até um pernambucano como eu, que não tinha hábito de beber vinho, por conta da minha mulher, que é italiana, estou bebendo vinho, agora. Isso demonstra o potencial que a indústria do vinho, no Brasil, pode ter daqui para a frente.

Com todo respeito que tenho pelos meus companheiros chilenos, aos meus companheiros argentinos, aos meus companheiros da África do Sul, aos meus companheiros da Califórnia, aos meus companheiros franceses. Ou seja, nós temos condições de competir em igualdade com eles, porque não é todo vinho francês que é muito melhor que o nosso, não. É que, muitas vezes, nós preferimos valorizar uma coisa escrita “made in outro país” do que valorizar uma coisa produzida pelas nossas próprias mãos, pelos nossos próprios pés e



pelo nosso próprio esforço.

Eu quero dizer, meu querido governador Rigotto, que saio daqui satisfeito. Vou, agora, para o desfile. E eu tenho que, hoje, voltar para Brasília antes das 10 horas da noite. Mas saio daqui já assumindo o compromisso que, podem ficar certos, no ano que vem estaremos juntos, outra vez, na 25ª Feira do Vinho, na cidade de Caxias, no estado do Rio Grande do Sul.

Com essas palavras eu quero dizer a vocês que, quando eu comecei o meu Governo eu disse que não tinha o direito de errar. E, agora, na frente de vocês, eu quero dizer: um povo que conseguiu o que vocês conseguiram, sair de onde vocês saíram, sofrer o que vocês sofreram e chegar onde vocês estão hoje, demonstra que o nosso querido Brasil não tem por que temer o seu futuro.

Com essas palavras, eu quero declarar aberta a 25ª Festa da Uva, e convidar o governador e os ministros para brindarmos aqui, fazendo inveja para vocês aí embaixo, do saboroso vinho gaúcho. E esse vinho aqui é um vinho da Embrapa.

Gente, muito obrigado. Que Deus abençoe todo mundo e que vocês tenham uma extraordinária feira. E que, por favor, façam bons negócios.

/mcpro/vpm